II. OS EGIPCIOS: A SUA ESCRITA

Os textos egípcios ocupam-se pouco dos problemas da linguagem. Mas a importância que atribuíam à escrita e o papel magistral que lhe era dado na sociedade egípcia são a mais sólida prova da concepção egípcia do sistema da língua.

A escrita tal como todas as línguas do mundo era inventada, segundo os antigos Egípcios, pelo deus Thot, a íbis. Os escribas representavam-se acocorados a escrever diante de uma imagem do animal sagrado de Thot, o babuíno. Em vários documentos vemos o próprio deus a escrever, ajudado por uma antiga deusa, Séshat, cujo nome significa «aquela que escreve». Objecto divinizado, rodeado de veneração, a escrita foi o ofício sagrado de uma casta de escribas que ocupavam os mais altos lugares da sociedade egípcia. Algumas estátuas mostram mesmo grandes senhores que se fizeram representar na posição de escribas. O papiro Lausing louva assim as qualidades incomparáveis dos escribas diante dos quais qualquer posição deixava de ter importância: «Passa o dia a escrever com os dedos e, à noite, lê. Tem por amigos o rolo de papiro e a paleta, pois não há nada mais agradável. A escrita, para quem a conhece, é mais aventurosa do que qualquer outra pro-

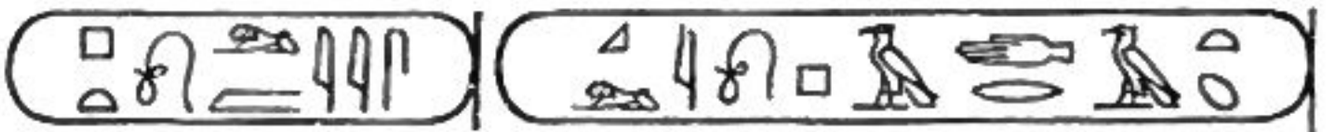
fissão, mais agradável do que o pão e a cerveja, do que as vestes e os unguentos. Sim, é mais preciosa do que uma herança, no Egipto, ou do que um túmulo, no Ocidente».

Esta casta de escribas desenhou, gravou ou pintou um grande número de hieróglifos através dos quais a arqueologia, a etnologia e a linguística reconstituem actualmente a história da língua do antigo Egipto. Hoje em dia, situa-se o aparecimento da escrita hieroglífica por volta do fim da segunda civilização eneolítica[1] (Négada II, Gerzéen), mas ela desenvolve-se sobretudo sob a 1.ª dinastia. Tem aproximadamente 730 signos sob o Médio Império (2160-1580 antes da nossa era) e a 8.ª dinastia (1580-1314 antes da nossa era), mas só 220 é que eram utilizados correntemente, e 80 serviam para a escrita habitual.

A decifração destes hieróglifos, durante muito tempo inacessíveis à ciência ocidental, deve-se a Champollion (1790-1832). Antes dele, vários sábios tentaram em vão descobrir as regras desta escrita: o jesuíta A. Kircher editou em Roma entre 1650 e 1654 um estudo em quatro volumes onde propunha traduções de hieróglifos; o seu génio e as suas intuições, por vezes muito penetrantes, não lhe permitiram todavia decifrar correctamente nem um único signo. O ponto de partida do trabalho de Champollion foi a pedra conhecida pelo nome de pedra da Roseta, coberta por três tipos de escrita: 14 linhas de hieróglifos egípcios, 32 linhas de escrita demótica e 54 linhas de escrita grega. Champollion teve a ideia não apenas de comparar a escrita compreensível (a grega) com a que não o era (a egípcia), mas tam-

[1] Civilização eneolítica: o cobre é já conhecido mas pouco utilizado. Desconhece-se a mistura deste metal com o estanho (J. Février, *Histoire de l'Ecriture*, p. 120).

bém de encontrar um eixo seguro de correspondência entre os dois textos: este eixo eram os nomes próprios de *Ptolemeu* e de *Cleópatra* que se deixavam distinguir no texto, porque estavam isolados dos outros. Este método permitiu a Champollion estabelecer as primei-



Ptolemeu Cleópatra

ras correspondências entre os signos egípcios e os fonemas. Depois de um longo trabalho de decifração dos textos escritos nos monumentos de Denderah, de Tebas, de Esné, de Edfron, de Ambas e de Philae, Champollion conseguiu estabelecer a complexidade do sistema de escrita egípcio, que não é apenas fonético. No seu livro *Précis du système hiéroglyphique des anciens Égyptiens* (1824), Champollion distingue três espécies de escrita: a escrita *hieroglífica;* a escrita *hierática,* «verdadeira *taquigrafia* dos hieróglifos, escreve ele, que é a escrita dos papiros encontrados nas múmias»; e por fim a escrita *demótica ou epistolográfica* que é «a escrita da inscrição intermédia da Roseta», distinta da verdadeira escrita hieroglífica.

Segundo Champollion, o alfabeto dos caracteres fonéticos é «a chave da escrita hieroglífica»; «esse alfabeto é o resultado de uma série de nomes próprios fonéticos, gravados nos monumentos do Egipto durante um intervalo de perto de cinco séculos, e em diversos pontos do país... Portanto a escrita fonética foi usada por todas as classes da nação egípcia, e utilizaram-na durante muito tempo como um auxiliar obrigatório dos três métodos hieroglíficos».

Os antigos egípcios distinguiam pois os sons e encaminhavam-se para uma escrita fonética. No entanto,

os seus «signos» estão longe de constituir um alfabeto. São utilizados de três maneiras diferentes:

1. O signo designa ao mesmo tempo a palavra e o conceito; chama-se então «signo-palavra» ou *logograma.*

2. O signo só veicula sons; chama-se então *fonograma* e serve para escrever não apenas o nome do seu modelo, mas também as consoantes que formam esse nome. Assim, *péri* significa «casa» em antigo egípcio. Como fonograma, este signo de casa serve para transcrever todas as palavras cujas consoantes são *p, r* e *i.*

3. Finalmente, a imagem pode evocar uma noção sem se referir a uma palavra precisa e sem ser pronunciável; chama-se então um *determinativo.* Como *determinativo,* o signo «casa» não se pronuncia, mas junta-se às palavras que designam edifícios. O *determinativo* tem um papel distintivo: evita a confusão das palavras que têm as mesmas consoantes relacionando-as com classes determinadas.

Como imagens, estes signos estão estilizados: reproduzem o contorno geral ou um pormenor essencial. Por outro lado, como fazem parte de um desenho mural ou sepulcral, estas imagens correspondem ao ângulo de visão do desenhador — algumas estão de frente, outras de perfil, umas são vistas de cima, outras de lado.

Embora relativamente estável, a escrita egípcia sofreu modificações, sobretudo na época greco-romana, simplificando-se e diversificando-se. Observa-se geralmente uma fonetização dos signos antigos, que adquirem valor fonético, normalmente o valor da primeira consoante que representavam anteriormente.

Todas estas observações se referem à hieroglifia, escrita monumental que Champollion já distinguia da

ESCOLA DE COMU... TES
BIBLIOTECA 5489

escrita *cursiva* de que a mais antiga é a escrita *hierática*. Esta intervém quando os escribas passam a escrita monumental para o papel, esquematizam os signos e simplificam os pormenores. As principais modificações são o alongamento e o estreitamento do signo-palavra, a introdução de elementos diacríticos exteriores aos signos, o aparecimento de ligações. Obtém-se assim um traçado rápido quase ininterrupto, que é sempre efectuado da direita para a esquerda.

Por volta do século VII antes da nossa era aparece uma segunda variante da escrita cursiva: a *demótica*, destinada em princípio à administração; recebeu o nome de escrita «popular», demótica. Depressa se tornou uma escrita de uso comum, e vários textos literários ou religiosos foram escritos em demótico (o *Livro dos Mortos*, por exemplo).

Como é que todas estas escritas egípcias tão elaboradas e tão apropriadas às diversas necessidades sociais puderam desaparecer? Esta pergunta suscita numerosos comentários e hipóteses. O cristianismo que substituiu a religião egípcia talvez seja uma das razões do declínio da casta dos escribas-sacerdotes, e por conseguinte do seu discurso e da sua escrita hieroglífica. Certas razões próprias do desenvolvimento e das regras desssa escrita tiveram sem dúvida um papel não menos importante nesse desaparecimento. A escrita demótica conservou-se até ao século V antes da nossa era. Reservada à administração, não era abalada por razões de ordem religiosa. Actualmente supõe-se que a fonetização dessa escrita a tornou demasiado difícil e ineficaz, em comparação com o alfabeto grego cuja simplicidade já seduzia os Egípcios.

A escrita egípcia é ainda hoje o monumento que é indispensável decifrar para conhecer o antigo Egipto. É o testemunho de uma concepção da língua em que o conceito e o som, o significante e o significado, constituíam um corpo, pois estavam como que fundidos com a inscrição-reprodução estilizada do real. Neste funcionamento dos logogramas, a unidade linguística não se distingue da unidade conceptual, e parece objectivar um corpo único. Por outro lado, os fonogramas egípcios provam que, como escreve R. Weil, «a noção de sílaba está completamente ausente». A vogal não é transcrita: o Egípcio marca apenas o «esqueleto» das palavras, o «esqueleto consonântico» segundo M. Cohen, como se a rede vocal de uma palavra estivesse tão estilizada como o seu desenho, reduzido à carcaça, aos elementos diferenciais mais marcados — as consoantes. No interior do vocalismo, o Egípcio continua a escrever, isto é, a seleccionar e a sistematizar. Por fim, o emprego de determinativos que não se pronunciam indica um processo de sistematização lógica dos signos linguísticos em diversas categorias, um esboço de raciocínio gramatical.

Na escrita egípcia o papel da voz parece ser reduzido, a voz conta menos do que as relações traçadas e lógicas. Donde podemos concluir que esta escrita se constituía mais como uma reflexão sobre os modos de significar do que como um sistema de transcrição do vocalismo (como o será a escrita fonética). No Egipto, a escrita era, em certo sentido, distinta do verbo, da troca vocal, portanto social, e teve de desaparecer obrigatoriamente quando as condições económicas mudaram: quando a troca (a sociedade comercial), com a civilização grega, se instalou como princípio dominante, invadindo a bacia mediterrânica.